

Arte e Imagens e Sons: movimentos cotidianos de desterritorialização em tempos de pandemia



1. a.fetos: foto noale toja

O isolamento social nos traz outras/novas sensações em relação aos ‘*espaçotempos*’ cotidianos que nos aproximam ainda mais da ideia de virtual e real de maneira híbrida, em que essas duas dimensões têm as fronteiras esgarçadas. O virtual, que Deleuze traduz como a potência, o devir (ALLIEZ, 1998), são as informações, as criações, as conversas em sons, gestos, palavras, imagens, (ALVES; FERRAÇO: 2018), processadas, atualizadas em acontecimentos nas relações com os ‘outros’ entendidos como tudo com o que interagimos e criamos outras significações (CERTEAU: 2014), seja na conversa, nos usos de artefatos e na própria relação ‘*espaçotempo*’.

Estamos deslizando em e por vários ‘*espaçotempos*’, confundindo passado e futuro num tempo presentificado em lives, publicações e criações que se fazem de maneira frenética e efêmera.

Nós que somos da Linha de Pesquisa “Cotidianos, Redes Educativas e Processos Culturais”, junto ao GRPesq Currículos cotidianos, redes educativas, imagens e sons, fomos capturados pelas tecnologias digitais (que já usávamos para criar vídeos, livros), desde os primeiros dias de

quarentena e estamos experimentando outros artefatos, como aplicativos de reuniões remotas em celulares e computadores.

Houve neste acontecimento da Covid-19 uma desterritorialização das práticas educativas, que revela um processo migratório de deslocamento virtual de ações presenciais para uma movimentação ainda mais fluída e dispersa... Cria-se um sentimento de estrangeirismo nesses deslocamentos, em que nos parece estranho entender os limites entre o privado e público, a casa e o trabalho e o lazer e o estudo. E onde fica a arte nisso tudo?

O processo criativo para muitos artistas, principalmente para aqueles que necessitam da interação com outras pessoas para desenvolver suas pesquisas artísticas, na condição de isolamento social, assim como nos processos educativos, demanda buscas antes inimagináveis. Há desafios de ordem emocional trazidos pelo isolamento e também na esfera econômica, já que muitos artistas precisam da interação com o público para terem um retorno financeiro e isso se realiza nos ambientes urbanos.

As tecnologias digitais nesses processos criativos têm sido artefatos que colaboram na investigação, no registro e na troca com os outros. E em muitos casos, na captação de recursos para artistas que estão nesta situação de dificuldade...

E como dar outras formas a estas expressões, acessando sensações e sentidos por meio das telas, agora não apenas mentais, como os processos imaginativos e intuitivos, que se materializam na relação presencial, mas agregando os usos das telas de computadores e celulares?

Esta inquietação me mobilizou para realizar a conclusão da pesquisa de doutorado, fazendo conversas com as pessoas participantes do GrPesq na plataforma zoom. Chamei esses encontros de "Saindo do forno: Conversas de cozinha - não se trata de receitas, mas de afetos com a arte de cozinhar e a comida".



2. Gravação do Saindo do forno: Conversas de cozinha com Rosa Helena Mendonça

Neste processo, comecei a investigar como poderia trabalhar com as lentes das câmeras do celular e do computador, colocando diferentes objetos na frente das lentes, criando filtros. Da mesma forma, usar outros ângulos na mesma gravação, com mais de um artefato, conectado ao mesmo tempo e na mesma conversa.



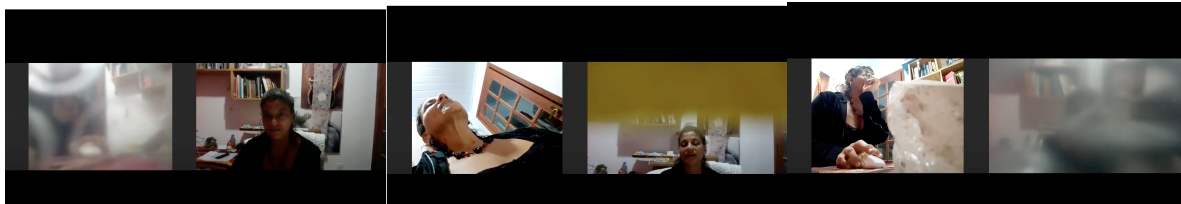
3. Gravação do Saindo do forno: Conversas de cozinha com Rosa Helena Mendonça

A experiência de gravar com duas câmeras, em dois dispositivos, ganhou novos 'mergulhos', quando tive que fazer a resenha de um livro em vídeo. Pude entender o funcionamento de pausar a gravação e mudar os ângulos, usar filtros e a inserção de outros objetos.

Aprofundi um pouco essa investigação na gravação do vídeo "Brincadeiras", justamente para brincar com esta curiosidade de pesquisar com os acontecimentos dos cotidianos que nos desconcertam, deslocam, desequilibram e nos apresentam outras maneiras de ser/estar nos 'espaçotempos' vividos.

Aqui a ideia de passado e presente acontece no ato da transmissão, ou gravação, já que acontece um *delay* entre um dispositivo e outro, ou

seja, há um atraso de som ou de imagem durante a captura. Nestes momentos é possível pensar o corpo dentro dessa transição temporal e espacial.



4. Brincadeiras: usando dois dispositivos¹

Além da pesquisa com audiovisual, expressei minhas sensações, gestos, cheiros, sons, texturas em fotografias que me conectam com a arte de cozinhar, tema da minha pesquisa com os cotidianos e o currículo.



5. Arte de cozinhar: Noale Toja

Referências:

ALLIEZ, Éric. Deleuze filosofia virtual. Tradução: Heloísa B. S. Rocha. São Paulo. Ed. 34. 1996.

ALVES, Nilda. FERRAÇO, Carlos Eduardo. *Conversas em rede pesquisas com os cotidianos: a força das multiplicidades, acasos, encontros, experiências e amizades*. In: RIBEIRO, Tiago. SAMPAIO, Carmen Sanches, SOUZA, Rafael, (Orgs.). *Conversa como metodologia de*

¹ Brincadeiras: <https://youtu.be/93wM1Ka0BDY>

pesquisa, por que não? 1ª edição. Rio de Janeiro: Ayvu, 2018, p. 42, 62-63.

CERTEAU, Michel. *A Invenção do Cotidiano – artes do fazer*. 3º edição. Petrópolis: Vozes, 2014.

Sobre a autora:

Doutoranda do Programa de Pós Graduação da UERJ - ProPEd/UERJ. Bolsista FAPERJ. Linha de Pesquisa “Cotidianos, Redes Educativas e Processos Culturais” junto ao GRPesq Currículos cotidianos, redes educativas, imagens e sons, com apoio CNPq, Capes, Faperj, UERJ (entre 2017 e 2022), coordenado pela Profa Dra Nilda Alves. Desenvolve projetos nas áreas das artes e tecnologias.